

Novos conceitos econômicos

EUGENIO GUDIN

Até a Segunda Guerra Mundial, a missão econômica do Governo consistia em manter o equilíbrio orçamentário, a ordem financeira e o Balanço de Pagamentos.

A política monetária não fazia parte do aparelho propulsor da Economia. Mas quando convencidos de se tratar de um imperativo, fosse político ou econômico, poucos eram os governos que resistiam à emissão do papel moeda fiduciário pelo Banco Central (ou o que suas vezes fazia).

O volume do emprego não era categoria de primeira grandeza nem de caráter decisivo. O Governo deixava à expansão natural do sistema, a faculdade de solicitar a quantidade de moeda necessária para as transações da Indústria, do Comércio e Agricultura, conquanto fosse muitas vezes obrigado a contrair o excesso de moeda, inclusive, e às vezes, principalmente, o déficit do Tesouro.

A partir do fim da Segunda Guerra poucos foram os conceitos de política econômica que não sofreram alterações de importância: primeiro, os enormes poderes que passaram do campo privado para o Governo; segundo, a noção de volume de emprego que, como dissemos, passou de um papel residual para uma categoria essencial. Não mais se indagava do volume de emprego necessário para a produção, sendo considerado essencial e necessário para a execução da obra.

Não havia conquistado o devido destaque a cifra do Produto Nacional Bruto (PNB).

Keynes entendia que a principal função da taxa de juros era de incentivar investimentos e não de provocar a poupança.

Hoje, vê-se de um lado a escola monetarista orientada por Friedman adotada por governos como o de Margaret Thatcher na Inglaterra e do General Pinochet no Chile, e, de outro lado, a orientação da política econômica pela existência ou não do "supply side", política que não hesita em suprir recursos abundantes aos elementos ociosos (ou como tal supostos) para obter o efeito de multiplicação da produção, vale dizer, do desenvolvimento. Como se pode ver da atual política de Reagan que, reduzindo durante três anos, uma faixa do Imposto de Renda, e do outro, diminuindo os impostos, passava a criar recursos capazes até de duplicar o que se obtinha até então, estimando o Governo em enorme volume, o chamado "Agricultural Gap". O sucesso da política de Reagan depende do equilíbrio entre produção obtida e recursos proporcionados.

A dificuldade da operação depende da capacidade de reação produtiva (produtividade) do solo e do valor investido, diferenças supervenientes podendo ter efeitos inflacionários ou recessivos, com repercussão sobre a taxa de juro.

Muito depende pois da elasticidade do supply como da procura, cuja noção elementar já se encontra no 1º volume de "Meus Princípios de Economia Monetária".

Assim, para que tudo desse certo na execução de uma síndrome como a de Reagan, seria preciso, como escreve Laplace (Probabilidade), que em dado momento alguém conhecesse todas as forças. Nada mais seria incerto.

Mas é que nós não somos Laplace nem conhecemos o personagem omnisciente.